

AS PRIMEIRAS INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS SOBRE CARL GUSTAV JUNG

PERES, Sílvio Lopes

Mestre em Ciências da Religião – MACKENZIE – SÃO PAULO/SP – BRASIL
Graduado em Pedagogia pela UNIMAR – MARÍLIA/SP – BRASIL
Discente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – FASU/ACEG –
GARÇA/SP – BRASIL
e-mail: silviosilvia@ig.com.br

AGOSTINHO, Márcio Roberto

Mestre em Ciências da Religião – MACKENZIE – SÃO PAULO/SP – BRASIL
Coordenador do Curso de Psicologia - FASU/ACEG – GARÇA/SP – BRASIL
e-mail: casteloagostinho@yahoo.com.br

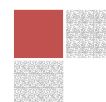
RESUMO

O presente artigo é fruto de uma investigação, visando a encontrar dados que influenciaram a formação religiosa de Jung. Levou-se em consideração dados familiares, no viés religioso, bem como, o próprio pensamento de Jung acerca da Igreja e sua relação com o Sagrado. Oferece ao público profissional da Psicologia, ou pesquisadores afins, informações detalhadas dessa faceta religiosa de sua vida. O artigo não quer, de forma alguma; sugerir que sua teoria tenha nascido do ambiente religioso, mas que, desde essas primeiras influências, a religião tornou-se um assunto importante em sua vida e em sua teoria.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia, Experiência religiosa e Protestantismo.

ABSTRACT

The present article is fruit of a investigation, in the literacy of the word, in finding data biographical, historical and religious persons that influenced Jung's religious formation. We took in consideration given family in the religious inclination, as well as, Jung's own thought concerning the Church and his relationship with the Sacred. It projects light to understand because of the great attention that the theme of the religion carried out for all your life. Offers, on the other hand, to the public professional of the psychology, or researchers, detailed information of that religious facet of your life. The article, doesn't want any in way to suggest that your theory has been born of the religious atmosphere, but that from those first influences the religion became an important subject in your life and theory.



KEYWORDS: psychology, religious experience and Protestantism.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo focaliza o cenário religioso onde Jung (1875-1961) viveu. Procurou-se levantar dados biográficos a respeito de seu pai – pastor luterano, e de sua mãe, calvinista. Caracterizou-se os aspectos religiosos que pairaram sobre sua vida desde criança, atmosfera esta, questionada e posteriormente rompida. Com o resultado, pretende-se oferecer a todos os que se interessam pela Psicologia junguiana, um conteúdo sucinto a respeito desse viés da vida de Jung.

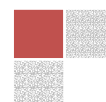
O objetivo deste estudo foi investigar, através de levantamento bibliográfico, o tema da religião no histórico biográfico de Jung e descrever o cenário das primeiras influências que circunscreveram o desenvolvimento de sua teoria.

A coleta de informações foi efetuada através da consulta a livros e base de dados da Internet. Inicialmente, foi efetuado o levantamento junto aos acervos das Bibliotecas da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da FAEF. Os materiais foram selecionados com base nos seguintes critérios: pertinência ao assunto; confiabilidade da fonte e adequação ao objetivo da pesquisa. Efetuou-se a etapa da leitura e fichamento do material segundo o objetivo da pesquisa e a descrição compreensiva que resultou na redação do texto final.

2. CONTEÚDO

Visando ao exposto no objetivo, pretende-se neste tópico, explorar as possibilidades literárias no que se refere às influências religiosas sobre Jung e o cenário em que isto ocorreu.

2.1. Influências religiosas do pai

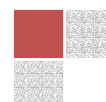


Johann Paul Achilles Jung (1842-1896) era Doutor em Teologia e Pastor Luterano (GAILLARD, 2003, p. 83). Para Jung, era um homem fraco e sofredor, por não se confrontar com sua situação religiosa:

“... em matéria religiosa tinha horror a todo pensamento. Queria contentar-se com a fé, mas esta lhe era infiel (...) – e, seu modo de existir, (...) era dominado pelos humores depressivos, apesar de ‘praticar o bem em demasia’ e era hipocondríaco...” (JUNG, 1998, p. 60 e 189).

Estava sempre de mau humor e insatisfeito (JUNG, 1998). Devido a isso, Jung não relatava suas experiências religiosas, estabelecendo entre eles um “abismo sobre o qual era impossível lançar uma ponte” (JUNG, 1998, 34 e 60).

Quando ouvia seus sermões, Jung sentia dúvidas profundas acerca de suas palavras e pensamentos. Para ele, “suas palavras eram como que insípidas e vazias, tais como as de uma história contada por alguém que nela não crê, ou que só conhece por ouvir dizer” (JUNG, 1998, p. 50 e 64). Manteve inúmeras discussões, “sempre com a secreta esperança de fazê-lo sentir algo da graça maravilhosamente eficaz e ajudá-lo em seus conflitos de consciência”, ou, para “adquirir novos pontos de vista” (JUNG, 1998, 273). Infelizmente, tais discussões jamais chegavam à uma solução satisfatória, pois estas irritavam-no e entristeciam-no, por sufocarem suas emoções. “Pois bem, você só quer pensar. Mas não é isso que importa; o importante é crer”, dizia Jung. Na opinião de Jung, a Teologia os tornara como que estranhos um ao outro (JUNG, 1998). Jung, nessas oportunidades, esclarecia que era preciso experimentar para saber e acrescentava ao pai: “Dê-me essa fé”. (JUNG, 1998, p. 50) Sentia que teria sido bom submeter suas dificuldades religiosas e aconselhar-se com seu pai, mas registra: “se não o fiz foi porque julgava conhecer a resposta que me daria, ligada à probidade do seu ministério” (JUNG, 1998, p. 57).

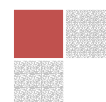


O pai, sendo pastor, era natural que lhe ministrasse aulas de religião e o preparasse para a Profissão de Fé (Crisma), mas isto o aborrecia. Certo dia, folheando o catecismo em busca de algo diferente, Jung deparou-se com o parágrafo referente à Trindade de Deus. Interessou-se pelo assunto: uma unidade que, ao mesmo tempo, é uma “trindade”! Ele declara:

“Esperei com impaciência o momento em que deveríamos abordar essa questão. Quando chegamos a ele, porém, meu pai disse: ‘Chegamos agora à Trindade, mas vamos passar por alto este problema, pois, para dizer a verdade, não a compreendo de modo algum’. Por um lado, admirei sua sinceridade, mas por outro fiquei extremamente decepcionado e pensei: ‘Ah, então é assim! Eles nada sabem disso e não refletem!’” (JUNG, 1998, p. 57 e 58).

2.2. Influências religiosas da mãe

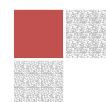
Emile Preiswerk (1848-1923), sua mãe, era dotada de uma “personalidade inconsciente de um poder imprevisto com um aspecto sombrio, imponente, dotado de uma autoridade intangível” (JUNG, 1998, p. 54); demonstrava ser uma pessoa, aparentemente, inofensiva e humana, porém, abruptamente se tornava “temível”. Parecia-lhe, como disse, “uma vidente que ao mesmo tempo é um estranho animal, uma sacerdotisa no antro de um urso, arcaica e cruel. Cruel como a verdade e a natureza” (JUNG, 1998, p. 56). Era a encarnação de uma espécie de *natural mind*, isto é, guiava-se mais, pelo que ele chamou de “fundo invisível e profundo”, devido: “uma ligação com os animais, árvores, montanhas, campos e cursos d’água, e que era muito diferente com as manifestações convencionais de sua fé cristã” (JUNG, 1998, p. 56 e 88).



Foi sua mãe que o introduziu no mundo religioso ao ler *Orbis Pictus* – Imagens do Universo – de Johann Amos Comenius, antigo livro para crianças, no qual havia a descrição de religiões exóticas, particularmente as da Índia (JUNG, 1998). Ela fazia comentários ácidos quanto às letras dos hinos cantados nos cultos, demonstrando que possuía uma visão crítica quanto à religião estabelecida e, devido à “intuição”, sempre apontava algo de muito profundo nas diversas situações familiares, eclesiais e religiosas (JUNG, 1998).

2.3. Igreja: seu ingresso e exclusão

O contingente de teólogos era, consideravelmente, grande em sua família: nove. Devido a este ambiente fortemente eclesial, é de esperar que Jung registrasse suas impressões, sua participação na vida da Igreja e do papel que a religião exercia sobre ele (JUNG, 1998). Ele não se acanhava em afirmar: “Sou protestante” (JUNG, 1990, p. 49); porém, ao mesmo tempo, não gostava de maneira nenhuma de ir à Igreja. A única exceção que abria era ao Dia de Natal – “era a única festa cristã que despertava meu fervor” (JUNG, 1998, p. 31 e 75). A Igreja era-lhe uma “fonte de suplício”, isso devido às contradições que percebia entre o espírito litúrgico e a vivência familiar, da linguagem religiosa dissociada da vida cotidiana e sem a reverência devida às manifestações do Sagrado, em que as pessoas eram levadas a crer em “mistérios”, sem, contudo, conhecê-los por experiência própria; isto a começar do pastor, no caso, seu pai, que com seu “sentimentalismo insípido, profanava sentimentos tão inefáveis” (JUNG, 1998, p. 52). Foi comparando com sua própria experiência religiosa que Jung avaliava a vida religiosa do pai, tios, ministros religiosos e membros da comunidade religiosa, com os quais teve contato; pois, tinha a convicção pessoal de que aquela Teologia e práticas religiosas, “era o caminho errado para atingir a Deus, pois não tiveram a experiência de que essa graça só é dada àquele que cumpre sem restrição a Sua vontade” (JUNG, 1998, p. 52). Jung confessa que se “esforçou, com a

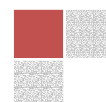


maior seriedade, para crer sem compreender” e, dignamente, procurou imitar seu pai. Porém, percebeu a indiferença dos participantes nos cultos e nos ritos celebrados, pois suas fisionomias revelavam enfado e tédio. Para ele, a própria cerimônia de sua Admissão à Igreja não passou de uma “deplorável experiência, que resultara em vazio, pior ainda, perda”; não houvera nenhuma manifestação de qualquer traço de Deus, pois os participantes, inclusive ele, não experimentaram algum tipo de emoção, que, segundo ele, nisto estava a essência de Deus. O desencanto que sentia o levava a uma espécie de desinteresse resignado, lhe assegurando, no entanto, uma profunda convicção de que só a experiência com Deus, pelo Espírito Santo, “inconcebível, cujas ações eram de natureza sublime”, lhe era decisiva quanto à religião (JUNG, 1998, p. 95 e 96). Assim registrou tal situação:

“... como Deus permanecera ausente, por Sua vontade separei-me da Igreja e da fé de meu pai e de todos os outros, na medida em que representavam a religião cristã, ainda que tenha ficado muito triste com isso” (JUNG, 1998, p. 60).

Porém, deixou bem claro, que isto não significava que tivesse alguma “vocação nem para fundar uma religião, nem para professar uma dentre elas” (JUNG, 1998, p. 322), pretendendo ser somente médico. Quanto mais se afastava da Igreja, mais se sentia aliviado; considerava seus colegas de fora da Igreja, “menos virtuosos, mas mais amáveis, de sentimentos mais naturais, afáveis, calorosos, alegres e cordiais” (JUNG, 1998, p. 75). Jung não se arrependeu de suas decisões. Ao contrário, afirmou: “nessa época principiou inconscientemente minha vida espiritual” (JUNG, 1998, p. 28). Para ele, seus “segredos”, sonhos e visões significavam sinais de uma experiência religiosa pessoal, sem ser mediada pela instituição eclesial. Contudo, afirmou: “na minha consciência eu era religioso e cristão” (JUNG, 1998, p. 34).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS



O presente artigo procurou relatar as primeiras influências religiosas sobre Jung. Diante do que foi levantado, se pode dizer que as influências sob as quais Jung esteve submetido foram fortes do ponto de vista institucional, externo, tendo, como exemplo, a vivência de seu pai como pastor. Mas, logo foi sendo substituída por uma religiosidade interna, pessoal, de experiência imediata com o Sagrado. Teve como exemplo sua mãe, que, embora estivesse ligada à Instituição devido ao matrimônio e à descendência familiar, construiu sua própria espiritualidade. E foi esta influência que exerceu maior impacto sobre Jung e o seguiu por todos os anos de sua vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARO, J. W. F. **Psicoterapia e religião**. São Paulo: Lemos, 1996.

BYNGTON, C. A. B. Transcendência e totalidade. **Revista Viver: Mente & Cérebro**. Jung: A Psicologia Analítica e o Resgate do Sagrado. n. 2.

GAILLARD, C. **Jung e a vida simbólica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

JUNG, C. G. **Psicologia e religião**. Petrópolis: Vozes, 1990.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

JUNG, C. G. **A vida simbólica**. Petrópolis: Vozes, 1999.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NOLL, R. **O culto de Jung: origens de um movimento carismático**. São Paulo: Ática, 1996.

SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Rio de Janeiro: Imago, s. d.



Endereços Eletrônicos:

<http://www.symbolon.com.br/biografia2.htm>. Acesso em 26 de setembro de 2006.

<http://www.nytimes.com/books/first/m/mclynn-jung.html>. Acesso em 26 de setembro de 2006.

http://www.metodista.br/correlatio/num_01/a_doule.htm. Acesso em dia 01 de novembro de 2006.

<http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/23/Durand.pdf>. Acesso em 13 de dezembro de 2006

